



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Prefácio

Maria Cecília Bonini Trenche

Como citar: TRENCHÉ, M. C. B. Prefácio. *In:* GIROTO, C. R. M; MARTINS, S. E. S. O; BERBERIAN, A. P. (Org.). **Surdez e Educação Inclusiva**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 7-9. DOI: <https://doi.org/10.36311/2012.978-85-7983-315-1.p7-9>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

PREFÁCIO

A primeira imagem que fiz durante a leitura do livro *Surdez e educação inclusiva*, organizado por Claudia Regina Mosca Giroto, Sandra Eli Sartoro de Oliveira Martins e Ana Paula Berberian, foi a de que participava de uma roda de conversa, de um diálogo com profissionais especialistas que tiram potência do precário e, além disso, produzem uma grande abertura para a compreensão e o enfrentamento de situações em relação às quais o comum tem sido o comportamento estereotipado ou gestos cronificados. Quando digo que tiram potência do precário, quero dizer que trabalham com situações em que é preciso pensar diferente o diferente – e essa é uma luta feroz –, olhar para crianças e adolescentes surdos buscando compreender o modo como fazem a leitura e a significação de suas vivências no cotidiano das instituições para além do que já foi pensado cientificamente. Fazer leituras, interpretações, intervir, buscar parcerias, estruturar encontros que possam criar condições para a compreensão e a constituição de um sujeito surdo, que se auto-afirma no reconhecimento do outro e de suas potencialidades.

Alguns textos trazem experiências possíveis na atualidade, pois, ainda que sob a pressão de órgãos internacionais no Brasil, houve mudança do cenário desse campo que, tradicionalmente, conhecemos como educação especial. Mas é possível apreender, também, na leitura dos textos, um alerta para que permaneçamos numa reflexão crítica. O alerta pode ser sintetizado assim: os discursos da cidadania; dos direitos da criança; presentes na atualidade para garantir o acesso a uma educação integral e

à educação inclusiva, no caso específico de crianças/adolescentes surdos, pode, muitas vezes, ainda que respaldados no conhecimento científico, recobrir formas de exclusão.

O tema central do livro, a inclusão, é polêmico e inespecífico. Dar visibilidade às diferentes visões sobre esse tema – algumas convergentes, outras conflitantes – foi certamente uma iniciativa perspicaz e provocativa das organizadoras. A motivação para sua produção não brotou, por certo, do desejo de criar uma voz em uníssono sobre a temática. Os autores convidados para essa produção são profissionais respeitados, sobretudo porque, em seus trabalhos, eles interrogam permanentemente as práticas educacionais voltadas hoje para uma população que, por séculos, passou ao largo das políticas públicas de saúde e educação. São trazidas ao leitor situações que ampliam o modo de olhar, de analisar a produção de crianças/adolescentes surdos e, ainda, o levam a refletir sobre a relação dessa produção com as situações e as condições em que ela se deu.

O recado das organizadoras para nós leitores, a meu ver, foi claramente dado. Não se trata apenas de se posicionar contra ou a favor: é preciso ampliarmos a escuta para adensarmos nossa reflexão e compreensão sobre a complexidade da questão. Incluir? Quem? Quando? Por quê? Para quê? Como?

A construção de uma sociedade comprometida com o direito de todos à educação, com igualdade de acesso a oportunidades, segundo as necessidades, possibilitando a progressão da criança surda nos diferentes níveis de escolaridade, isso demanda reflexão sobre as políticas e as práticas existentes.

Há muitos aspectos a serem considerados e são muitas as interfaces a serem construídas nesse processo. Destaco, aqui, algumas questões centrais identificadas em minha leitura. A primeira é a de que a implementação de uma política de educação inclusiva deve ter, por princípio fundamental, a compreensão de que as crianças surdas são sujeitos de direitos: o direito a ter uma língua, de ser cuidado, de ter uma educação de qualidade, de ser protegido ante situações de vulnerabilidade, de ser ouvido na singularidade das suas necessidades, de ter acesso à saúde, à educação, à cultura etc. É também imprescindível em sua implantação que, desde o início, sejam

construídos espaços de qualificação específica que os profissionais necessitam para o trabalho que vão desenvolver. Ressalta-se que, nessa qualificação, os estudos sobre linguagem que abarcam a dimensão da constituição da subjetividade ocupam lugar central, sendo também essencial sua necessária articulação com os estudos sobre letramento, que configuram a escrita como prática social.

No contato com as questões debatidas pelos autores, penso que tanto profissionais e pessoas que estejam iniciando experiências, como as que já construíram um percurso nesse campo, podem ampliar suas caixas de ferramentas participando à roda de conversa que o livro propicia.

Registro por fim minha alegria e meu agradecimento por ter feito a leitura, e em primeira mão. Fica ao leitor o convite para compartilhar das discussões.

Maria Cecilia BoniniTrenche
Agosto de 2012